

## Editorial

Quando começamos a organizar o primeiro número da **Alceu**, contingências editoriais que diziam respeito à data de circulação da Revista acabaram por nos levar a publicar oito trabalhos cujos autores ou co-autores faziam parte do corpo docente da PUC-Rio. Nas reuniões do Conselho Editorial, embora tivéssemos absoluta confiança na qualidade dos artigos que seriam publicados, também ficávamos preocupados com a reação crítica da comunidade acadêmica diante de uma nova Revista que, ao mesmo tempo em que falava de diversidade em seu editorial, publicava, quase que exclusivamente, os autores da “casa”.

Lançada a Revista, ficamos com um sentimento misto de alegria e apreensão. Alegria pelo resultado obtido e elogios recebidos. Apreensão em virtude da responsabilidade de ter de começar a pensar o próximo número. Para nossa agradabilíssima surpresa, fomos brindados com a generosidade intelectual de diversos autores, da PUC-Rio e de outras instituições de ensino e pesquisa, que nos enviaram trabalhos para publicação.

Como consequência desta generosidade, neste segundo número, embora de forma mais equilibrada, cometeremos um pecado editorial às avessas daquele que foi cometido no primeiro. Em outras palavras isto significa dizer que, apesar de termos recebido ótimos artigos enviados por professores da “casa”, neste número daremos prioridade aos também excelentes trabalhos enviados à **Alceu** por autores de fora da instituição.

Assim sendo, em homenagem aos nossos leitores, abrimos a revista com um texto inédito de Silviano Santiago, onde o ensaísta discute a preferência do historiador Francisco Iglesias pela análise, no campo da literatura, da obra multifacetada de Fernando Pessoa.

Em seguida, quatro trabalhos nos remetem a temas vinculados, de uma forma ou de outra, à comunicação: Eduardo Neiva e Mark Hickson apresentam uma abordagem teórica do que seja a fundação de uma biologia dos estudos da comunicação; o ensaio de Karl Erik Schøllhammer trata de uma área de pesquisa emergente denominada “Cultura Visual”; Ana Cláudia Viegas, a partir do filme *Gladiador*, de Ridley Scott, aborda a construção de metaficcões historiográficas contemporâneas e Angeluccia Bernardes Habert procura discutir o binômio espontaneidade e submissão a partir da observação de dois produtos da televisão brasileira: a cobertura da visita a um *shopping center* por membros do movimento dos sem-teto e a série *No Limite*.

História e identidade nacional através da literatura brasileira são os temas de Lucia Helena e Eneida Maria de Souza. Lucia Helena examina, em dois momentos distintos da história da modernidade, o conceito de história como categoria analítica capaz de revelar o contraponto entre a construção do herói problemático moderno e pós-moderno. Para isso, utilizando-se da leitura benjaminiana da história como catástrofe, compara as obras de Graciliano Ramos (*Vidas secas* e *São Bernardo*) e de Clarice Lispector (*A hora da estrela*). Eneida Maria de Souza, com base em dois textos literários que têm como tema a preguiça – *Macunatima – o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade e *Canoas e marolas*, de João Gilberto Noll –, reflete sobre um dos traços que compõem o imaginário da identidade nacional.

Sociologia e antropologia são os temas dos três trabalhos seguintes. Roberto de Magalhães Veiga faz uma reflexão sobre o papel que o leilão de “objetos de arte” desempenha dentro do “sistema de arte e cultura” e no qual se processa a reclassificação de objetos, transformando-os ou invalidando-os como “objetos de arte”; José Sávio Leopoldi analisa aspectos da obra de Thomas Hobbes a partir de uma perspectiva antropológica, enquanto Mércio Pereira Gomes ao constatar que a sobrevivência étnica dos povos indígenas, no Brasil e em outras partes do mundo, é um evento histórico inesperado tanto para a modernidade quanto para a antropologia, defende a criação de uma nova visão do Homem, uma visão que quebre a dualidade implícita que as diversas correntes antropológicas formularam entre o chamado primitivo e civilizado.

Também publicamos neste número dois trabalhos que são resultado da reflexão que pesquisadores franceses vêm desenvolvendo sobre o Brasil. É o caso do artigo de Philippe Waniez e Violette Brustlein, que trata da presença dos muçulmanos no Brasil e do ensaio de Neli de Melo e Hervé Théry, onde a Amazônia é vista e analisada a partir dos eixos e zoneamentos resultantes das intervenções públicas.

Fechamos esta edição com uma novidade: o texto de Renato Cordeiro Gomes sobre o livro *Tantos anos*, de Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz, inaugura a seção *Resenha*. Boa leitura e boas idéias.

Fernando Sá